

LETRÍSSIMAS

COLETÂNEA DE TEXTOS
DOS PROFESSORES
DAS FACULDADES
INTEGRADAS
RIO BRANCO

LE
TRÍ
SSÍ
MAS

COLETÂNEA DE TEXTOS
DOS PROFESSORES
DAS FACULDADES
INTEGRADAS
RIO BRANCO

**Presidente da Fundação
de Rotarianos de São Paulo**

Nahid Chicani

Chanceler

Eduardo de Barros Pimentel

Diretor Geral

Profº Dr. Edman Altheman

Diretor Acadêmico

Profº Dr. Alexandre Ratsuo
Uehara

Coordenador de Extensão

Profº Dr. Lauro Ishikawa

**Coordenadora do Curso de
Jornalismo, Rádio & Tv e
Relações Públicas**

Profª Dra. Patrícia Rangel
Moreira Bezerra

**Coordenador dos Cursos de
Comunicação Social,
Publicidade e Propaganda,
Editoração e Design**

Profº Me. Paulo Carlos Pires
da Costa Durão

**Produção: Agência de
Comunicação Integrada
Rio Branco**

**Coordenação da Agência
de Comunicação**

Profª Dra. Patrícia Rangel Moreira
Bezerra
Profº Me. Paulo Carlos Pires da
Costa Durão

Projeto Gráfico e Capa

Profª Ma. Iara Pierro de Camargo
Vivian dos Santos

Letríssimas: coletânea de textos dos professores das Faculdades Integradas Rio Branco / organização Noemia Davidovich Fryszman e Virgínia Maria Antunes de Jesus ; co-laboração Roberto Balduzzi e Denis Mandarino ; coordenação Noemia Davidovich Fryszman e Paulo Carlos Pires da Costa Durão; projeto gráfico e capa Iara Pierro de Camargo e Vivian dos Santos. -- São Paulo : FRB / FRSP, 2016.

92 p. ; 21cm. -- [Faculdades Integradas Rio Branco, 2016]

Conteúdo: Conectar-se ou desligar-se / Albert Roger Hemi – Xadrez do Tempo / Alessandra Gotti – A última aula / Alexandre Ratsuo Uehara - Carta para Joana / André Rosa – Gastei toda a minha nudez / Beto Balduzzi – Ensaio sobre o Estado da arte da pintura / Denis Mandarino – O beijo do anjo / Humberto de Aragão – Alguma poesia / Ivana Ribeiro – Meu carro de boi / Luís Antonio Vital Gabriel – Memórias / Maria Genny Caturegli – Avesso / Patrícia Ceolin - Perfis / Renata Carraro – Outridade / Virgínia Maria Antunes de Jesus

ISBN 978-85-68964-01-9

1. Literatura brasileira – Miscelânea. 2. Contos. 3. Ficção. 4. Ensaaios. 5. Memórias. I. Altheman, Edman. II. Uehara, Alexandre Ratsuo. III. Bezerra, Patrícia Rangel Moreira. IV. Ishikawa, Lauro. V. Durão, Paulo Carlos Pires da Costa. VI. Faculdades Integradas Rio Branco. VII. Título. VIII. Série.

CDD – 869.8

Coordenação editorial

Prof^ª Dra. Noemia Davidovich Fryszman
Prof^º Me. Paulo Carlos Pires da Costa Durão

Organização

Prof^ª Dra. Noemia Davidovich Fryszman
Prof^ª Dra. Virgínia Maria Antunes de Jesus

Conselho editorial

Prof^ª Dra. Noemia Davidovich Fryszman
Prof^ª Dra. Patrícia Ceolin do Nascimento
Prof^ª Ma. Renata Carraro
Prof^ª Dra. Virgínia Maria Antunes de Jesus

Idealizador do Nome LETRÍSSIMAS

Prof^º Me. Beto Balduzzi

Revisão

Prof^ª Dra. Virgínia Maria Antunes de Jesus

Autores

Prof^º Dr. Albert Roger Hemsí
Prof^ª Dra. Alessandra Gotti
Prof^º Dr. Alexandre Ratsuo Uehara
Prof^º Me. André Rosa
Prof^º Me. Beto Balduzzi
Prof^º Dr. Denis Mandarino
Prof^º Dr. Humberto de Aragão
Prof^ª Ma. Ivana Ribeiro
Prof^º Dr. Luís Antonio Vital Gabriel
Prof^ª Dra. Maria Genny Caturegli
Prof^ª Dra. Patrícia Ceolin
Prof^ª Ma. Renata Carraro
Prof^ª Dra. Virgínia Maria Antunes de Jesus

LE
TRÍ
SSI
MAS

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	07
2. Aveso	13
3. Meu carro de boi	15
4. Outridade.....	23
5. O beijo do anjo.....	35
6. Alguma poesia	39
7. Xadrez do tempo	45
8. O estado da arte da pintura	49
9. Gastei toda	57
10. Perfis	61
11. Conectar-se	69
12. Carta para Joana.....	73
13. A última aula.....	79
14. Memórias.....	85

ENSAIO SOBRE O ESTADO DA ARTE DA PINTURA

Denis Mandarino

A pintura figurativa, antes do surgimento da fotografia, acumulava a função de retratar locais, eventos e personagens históricos. Sem as imagens que foram produzidas pelos artistas, como conheceríamos os rostos marcantes da antiguidade e do período clássico greco-romano? Por acaso a mesma pergunta não seria pertinente para a arte medieval, renascentista, barroca, neoclássica, realista etc.? Será que teríamos as mesmas referências dos ícones românticos da Revolução Francesa, sem a extensa documentação pictórica da época? (fig. 1) A pintura, inegavelmente, cumpriu um



Figura 1. Eugène Delacroix, *A Liberdade Guiando o Povo* (1830), óleo sobre tela, 260 x 325 cm.

importante papel na elaboração de detalhados documentos visuais.

No século XIX, entretanto, houve uma mudança significativa, a qual pode ser identificada na arte de expoentes do movimento impressionista, como: Renoir, Degas e Manet, artistas que se sentiram estimulados a utilizar referências fotográficas em muitas de suas obras. Foi a primeira vez na História da Arte que se viram braços, pernas, cabeças e outras partes do corpo, ser cortadas em um enquadramento (fig. 2). A vanguarda tecnológica, trazida pela máquina fotográfica, foi um dos motivos inspiradores da captação do momento e da consequente geração de algumas cenas, que, propositalmente, não tinham o rigor compositivo de escolas ancestrais.



Figura 2. Edgar Degas, *Corrida de Cavalos Antes da Partida* (1862-1880), óleo sobre tela, 48 x 61 cm.

Depois da reverência à nova técnica, a qual deu origem ao cinema, a pintura moderna da primeira metade do século XX cada vez mais deixou de lado a sua função descritiva e passou a ter outros interesses e preocupações. O estudo aprofundado da composição visual influenciou a criação de peças não figurativas, nomeadas na época de abstratas (fig. 3), mas que de fato se utilizavam dos elementos concretos da linguagem visual: a linha, a configuração (forma) e a cor.

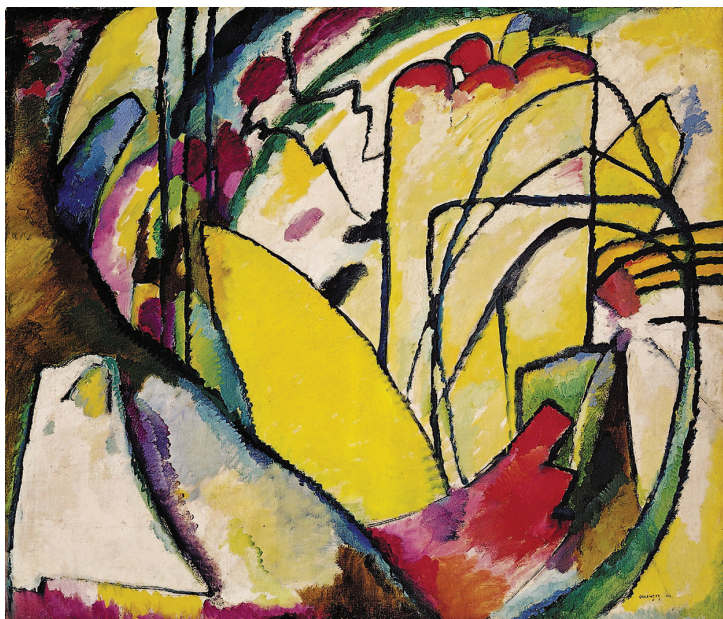


Figura 3. Wassily Kandinsky, *Improvisação 10* (1910), óleo sobre tela, 120 x 140 cm.

No período contemporâneo, esboçado nos anos cinquenta e identificado por diversos teóricos a partir da década de 1960, são destacáveis características como: a) experimentação de novos materiais; b) fusão de objetos tridimensionais na tela plana; c) crítica

ao consumo; d) culto, por vezes efêmero, de ícones midiáticos¹ (fig. 4); e) experiências com drogas para alteração de estados de consciência; f) oposição à guerra; g) combate à discriminação em suas variadas formas; h) revolução digital; i) globalização; j) consciência ecológica; k) preocupação com a sustentabilidade; l) virtualidade; m) hipertextualidade; n) hipermídia; o) cibercultura; p) extrapolação física do espaço dos museus, entre inúmeras outras, que serão mais bem observadas na perspectiva que a história há de criar.



Figura 4. Andy Warhol, *Blue Marilyn* (1962), acrílico sobre tela, 50,5 x 40,3 cm.

¹ O artista plástico estadunidense Andy Warhol (1928 – 1987), imortalizou o conceito da celebridade diluída e instantânea por meio da frase: “Um dia, todos terão direito a 15 minutos de fama”.

A pintura digital, por sua vez, abriu portas que ainda não haviam sido exploradas. Os artistas se veem diante de possibilidades que não seriam conseguidas à mão livre. O computador, como ferramenta, expandiu o universo da pintura sem, contudo, rivalizar com os processos tradicionais. Existem artistas que continuam utilizando a pedra como suporte da sua arte, bem como madeiras, telas e superfícies sintéticas. Não faz diferença se há muitos ou poucos meios disponíveis, pois no fim de tudo, o que importa é que as antigas e novas tecnologias estejam à disposição do homem para a exibição de conceitos, ideias ou expressão de sentimentos. Quem tem algo novo a “dizer”, caso esteja disposto a arcar com as consequências do rompimento de barreiras, sempre encontrará um meio de fazê-lo.

E o que dizer do papel documental da pintura, citado no início do texto, será que, pelo menos, esse parâmetro pode ser visto como obsoleto, se comparado com o *avant-garde* da ciência?

Em 2012, o neurocirurgião Eben Alexander III descreveu, no *best seller* ‘Uma Prova do Céu’, sua EQM (experiência de quase morte), depois de uma meningite bacteriana ter comprometido o funcionamento do seu cérebro. Sujeito a um coma que se alongou por uma semana, os exames neurológicos, as tomografias computadorizadas e as ressonâncias magnéticas mostraram, de forma aproximada, a extensão dos danos a que esteve submetido. A ciência não é capaz de explicar como o médico saiu ileso de uma doença tão grave. Apesar do estado crítico em que se encontrava, o Dr. Eben relatou, com precisão, cenas e acontecimentos “vividos” nesse período, afirmando que o tempo transcorrido lhe pareceu muito maior do que somente uma semana. Por fim, concluiu que a consciência é algo que não reside no cérebro e que durante o tempo em que esteve afastado, seu corpo não reunia condições de formular pensamentos em virtude da lesão no neocórtex.

Considerando a possibilidade de que o neurocirurgião, outrora cético, e atualmente um cristão da Igreja Episcopal, tenha realmente estado em um lugar que não pode ser perscrutado por instrumentos materiais, a única chance de se ver o que foi experienciado por Eben seria por meio de desenhos e pinturas de alta qualidade figurativa, já que relatos textuais são passíveis de interpretações difusas.

Os dois parágrafos anteriores trazem à memória o Mito da Caverna ².

A história da humanidade é repleta de relatos cujos teores são parecidos ou igualmente assombrosos, tais como: os feitos atribuídos a Moisés durante a condução dos hebreus, a aparição tangível e a ascensão de Jesus de Nazaré, a caminhada de Saint Denis após o martírio, os diálogos de Joana d'Arc com Santa Catarina de Alexandria e um sem número de outros fatos supracensíveis da realidade.

Se existem instâncias desconhecidas, outras dimensões, universos paralelos ou quaisquer termos que indiquem o que está por ser explorado pelo homem, não seria exagero imaginar que muitos se debruçarão sobre essa questão a fim de decifrá-la. Pela incapacidade de acessar essas regiões, com a utilização de máquinas fotográficas ou filmadoras, a forma mais eficiente de comunicar o que foi visto seria por meio do desenho, ³ tal qual ocorria antes do surgimento da fotografia.

Neste ensaio, além da indicação de que a linguagem da pintura não passa por qualquer tipo de decadência ou obsolescência,

² Trata-se de uma conhecida alegoria contida no livro "A República", do filósofo grego Platão (428/427 - 348/347 a.C.), que mostra a dificuldade que o visionário encontra, quando se vê diante de tradições socioculturais solidamente arraigadas.

³ O filósofo chinês Confúcio (551 a.C. - 479 a.C.) afirmava que uma imagem vale mais que mil palavras.

permite-se pensar que, talvez, ela ainda nem tenha atingido o seu auge no planeta.

DENIS MANDARINO. Doutor em Comunicação e Artes (Universidade Presbiteriana Mackenzie). Artista plástico, compositor e escritor. Professor do curso de Design nas Faculdades Integradas Rio Branco.

